



# OFICINA DO CES

**ces**

Centro de Estudos Sociais  
Laboratório Associado  
Faculdade de Economia  
Universidade de Coimbra

**JÚLIA GARRAIO**

**OS LIMITES DA REPRESENTAÇÃO  
A VIOLAÇÃO DA MULHER ALEMÃ NA SEGUNDA  
GUERRA MUNDIAL**

**Janeiro de 2011  
Oficina nº 360**

**Júlia Garraio**

**Os limites da representação  
A violação da mulher alemã na Segunda Guerra Mundial**

**Oficina do CES n.º 360  
Janeiro de 2011**

**OFICINA DO CES**  
Publicação seriada do  
**Centro de Estudos Sociais**  
Praça D. Dinis  
Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

**Correspondência:**  
Apartado 3087  
3001-401 COIMBRA, Portugal

**Júlia Garraio**

Centro de Estudos Sociais

Universidade de Coimbra

## **Os limites da representação**

### **A violação da mulher alemã na Segunda Guerra Mundial<sup>1</sup>**

**Resumo:** Perante o recente interesse pelas violações de mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial falou-se em quebra tardia de um tabu. No entanto, o *topos* da alemã violada pelo estrangeiro marca presença no espaço público alemão pelo menos desde a fase final da guerra. Pretendo distinguir as fontes de que este discurso se nutriu e delinear as principais narrativas em que essa experiência foi integrada desde 1945 até ao presente. Trata-se de um estudo centrado na literatura e no cinema que presta especial atenção, por um lado, ao aproveitamento ideológico e aos usos metafóricos a que a violação está sujeita no discurso e, por outro, aos limites e dificuldades de representação de experiências de violência sexual.

O projecto de investigação que venho desenvolvendo no Centro de Estudos Sociais sobre a representação das violações de mulheres alemãs no contexto da Segunda Guerra Mundial integra-se numa área bastante polémica: a muito mediatizada discussão, sobretudo após a Reunificação, sobre o “sofrimento alemão” na guerra. Temos logo aqui um problema de conceitos, já que o termo “sofrimento alemão” costuma ser utilizado para os civis que morreram nos bombardeamentos aéreos anglo-americanos, as populações expulsas de diversas regiões da Europa Central e de Leste,<sup>2</sup> as mulheres violadas por soldados aliados e

---

<sup>1</sup> O presente texto resulta do seminário de pós-doutoramento que apresentei no dia 9 de Junho de 2009 no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde expus os principais resultados do trabalho de investigação que venho desenvolvendo no CES desde 2007 como bolsista da FCT. O projecto encontra-se registado com o título “A memória do sofrimento: representações da violência na literatura contemporânea alemã sobre a Segunda Guerra Mundial” (SFRH/BPD/28207/2006). Ao iniciar o trabalho, apercebi-me da sua grande extensão temática e decidi, por isso, concentrar-me no aspecto que, na altura, me pareceu ser alvo de menos atenção pela crítica: a representação das violações de mulheres alemãs por soldados aliados. O trabalho foi integrado em 2007 no projecto que se desenrolava no CES “A representação da violência e a violência da representação” (POCTI/ELT/61579/2004), financiado pela FCT.

<sup>2</sup> O conceito alemão *Flucht und Vertreibung* [fuga e expulsão] é usado para designar os cerca de 10 milhões de alemães que no último ano da guerra e nos primeiros anos do após-guerra fugiram ou foram expulsos das suas casas em diversas partes da Europa Central e de Leste, quer de regiões que a Alemanha perdeu na redefinição de fronteiras do após-guerra (por exemplo, a Prússia Oriental), quer de países vizinhos (por exemplo, Checoslováquia).

seus colaboradores e os soldados e civis encarcerados em campos de detenção e/ou levados para trabalhos forçados na União Soviética, ou seja, o conceito tende a ser aplicado aos alemães que sofreram em consequência das ações dos Aliados. Algum discurso é mais inclusivo ao realçar como “sofrimento alemão” também o destino de milhares de soldados executados pelo regime nazi acusados de cobardia e de deserção, bem como o dos civis punidos por “desonrarem a raça” (*Rassenschande*) e por auxiliarem os “inimigos do regime”. Porém, o termo é menos usado para referir outros alemães perseguidos pelo regime: judeus, comunistas, opositores que combateram o Terceiro Reich nos exércitos aliados, Testemunhas de Jeová, ciganos, homossexuais e outros “associais”. Desta maneira, o conceito “sofrimento alemão”, quando utilizado de forma acrítica, arrisca-se a funcionar como categoria de exclusão que poderá perpetuar um ideal de nacionalidade semelhante ao promovido pelas autoridades nacional-socialistas.

Uma breve contextualização das violações de mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial aponta para uma continuidade e uma sucessão de diversas formas de violência que extravasaram o final oficial do conflito. Ainda que na frente ocidental haja registo de numerosos casos de violação por parte das diversas forças em combate, foi no contexto da guerra a Leste que se verificaram os mais elevados índices de violência sexual. A ocupação alemã foi acompanhada de um largo espectro de violências sexuais: desde as diferentes formas de violência sexual praticadas nos campos de concentração à utilização de prostituição forçada nos bordéis do Exército (*Wehrmacht*), sem esquecer a quase impunidade com que alemães e seus colaboradores violavam mulheres eslavas e judias nos territórios ocupados. Ainda que oficialmente a violação fosse proibida, a maneira de lidar com o problema mostra que as autoridades alemãs nunca tentaram realmente combater o crime. Interessava-lhes sobretudo a optimização das capacidades combativas dos militares alemães, a manutenção da “ordem pública” e o impedimento da propagação de doenças venéreas entre os soldados (por isso, Himmler criou bordéis para o exército).<sup>3</sup> Por sua vez, a ofensiva do Exército Vermelho e os primeiros anos da ocupação soviética foram acompanhados por violações em massa sobretudo de mulheres alemãs, ainda que haja a assinalar a violação de mulheres dos mais variados grupos étnicos e nacionalidades, inclusivamente de prisioneiras de campos de concentração e de russas que tinham sido levadas para trabalhar para o Terceiro

---

<sup>3</sup> Sobre a violência sexual praticada pelas forças alemãs no Leste ver, por exemplo: Beck (1996, 1999, 2004); Eschebach e Mühlhäuser (2008); Gertjeanssen (2004); Mühlhäuser (2010).

Reich.<sup>4</sup> Há ainda a referir a violação de alemãs no após-guerra por guardas prisionais e forças policiais em campos de prisioneiros e de trabalho na União Soviética e noutros países de Leste, ou simplesmente levadas a cabo por indivíduos não integrados em qualquer instituição ou força militar que beneficiavam do generalizado clima de caos e de impunidade.

Torna-se necessário clarificar que o meu projecto presta especial atenção à violência sexual em cenários de guerra, e muito particularmente ao contexto da Segunda Guerra Mundial, mas não pretende dar uma explicação sobre o fenómeno das violações em conflitos armados nem sequer oferecer um tratado histórico sobre a violência sexual perpetrada na Segunda Guerra Mundial em solo europeu. O objectivo é estudar, através de exemplos da literatura e do cinema alemães, como o fenómeno das violações de mulheres alemãs pelos vencedores foi recordado no espaço público da Alemanha, ou seja, o presente trabalho não visa a Segunda Guerra Mundial, mas as seis décadas que se lhe seguiram.

Uma data de grande relevo para este trabalho é 1992, ano em que estreou o documentário cinematográfico da realizadora feminista Helke Sander *BeFreier und Befreite. Krieg, Vergewaltigung, Kinder* [Libertadores e Libertadas. Guerra, Violação, Filhos],<sup>5</sup> precisamente sobre as violações de alemãs, sobretudo em Berlim, no desfecho da Segunda Guerra Mundial. O filme gozou de grande êxito, mas viu-se igualmente na mira de duras críticas, algumas da parte de conceituados historiadores (Gertrud Koch, Atina Grossmann, David Levin, entre outros), que o acusaram de não proceder a uma suficiente contextualização histórica, de prestar reduzida atenção às violações cometidas pelos militares alemães, de enfatizar o sofrimento alemão e de assim, mesmo que involuntariamente, favorecer posições revisionistas e anti-semitas. Os defensores do filme louvaram-no como algo inovador que vinha finalmente quebrar um tabu.<sup>6</sup> Algumas das mulheres entrevistadas já tinham apontado para este aspecto, ao afirmar que através do filme tinham encontrado, pela primeira vez na vida, um espaço para falar sobre acontecimentos traumáticos privados que tinham acompanhado a derrota alemã. Cerca de uma década mais tarde, em 2003, quando o

---

<sup>4</sup> Sobre as violações de mulheres alemãs por combatentes do Exército Vermelho, veja-se, por exemplo: Beevor (2002), Grossmann (1995), Naimark (1995: 69-140); Schmidt-Harzbach (2005); Zeidler (2001). No seguimento do êxito do diário anónimo *Eine Frau in Berlin*, assistiu-se na Alemanha a um forte interesse pela temática. Foram então publicadas várias obras com testemunhos de vítimas que, no geral, perpetuam a tese de que teria havido um tabu em torno das violações (veja-se, por exemplo: Jacobs (2008); Münch (2009)).

<sup>5</sup> O título contém um jogo de palavras. No mundo anglo-saxónico, o filme foi exibido como *Liberators take liberties*, título que tenta exprimir certas conotações criadas pela capitalização do “f”.

<sup>6</sup> No volume que Helke Sander e Barbara Johr publicaram em 2005 com o material do documentário encontra-se uma breve apresentação da polémica e a indicação dos principais textos que a acompanharam (Sander, 2005: 3-8).

diário anônimo *Eine Frau in Berlin* [Uma Mulher em Berlim] foi reeditado e se tornou num dos maiores êxitos de vendas da Alemanha desse ano, a comunicação social celebrou o texto como o fim de um longo silêncio. Em 2008, quando da estreia da adaptação cinematográfica do diário, *Anonyma. Eine Frau in Berlin* (Alemanha, 2008) de Max Färberböck, ainda se ouviu falar novamente em tabu.

No entanto, um olhar mais atento às manifestações culturais das décadas anteriores à Reunificação dificilmente permite considerar as violações como questão banida do domínio público alemão: desde a propaganda política, às memórias da guerra, ao cinema e à literatura, são numerosos os exemplos que testemunham a presença do tema das violações de alemãs no desfecho da Segunda Guerra Mundial. Urge assim questionar o que no período pós-Reunificação, teria levado o público, o meio editorial e as vítimas (por exemplo, as mulheres entrevistadas por Helke Sander) a sentir que se tinha finalmente quebrado um tabu na memória da guerra e que por fim se podia falar da violência sexual sofrida pelas alemãs com o desmoronar do Terceiro Reich. A chave para compreender estas questões reside na indagação dos vários espaços e das diferentes correntes ideológicas em que os discursos sobre as violações se realizaram e sobretudo na análise das diversas estratégias de representação e de significação da violência sexual.

O presente texto está estruturado em duas partes: uma primeira em que aponto de forma sintética para os possíveis contributos do caso das mulheres alemãs violadas na Segunda Guerra Mundial para a reflexão mais geral sobre a representação da violência sexual, e uma segunda, centrada nos Estudos Alemães, em que tento compreender em que medida depois da Reunificação se verifica (ou não) uma mudança na memória das violações de alemãs na guerra.

## **I – Relevância do caso das alemãs violadas na Segunda Guerra Mundial para uma reflexão sobre a representação da violência sexual**

### **Dilemas da representação: denúncia de um crime ou objectivação do corpo violentado?**

Como em todos os discursos sobre histórias de violação, quer em conflitos armados quer em “tempos de paz”, as violações de mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial abrem caminho a uma reflexão sobre a representação da violência sexual. A segunda vaga feminista prestou especial atenção ao problema da violência sexual e procurou meios de o combater.

Assistiu-se paralelamente ao fim do tabu da representação da violação (tradicionalmente surgia através de uma elipse no discurso, sendo apenas referida ou insinuada) e a uma certa crença de que este passo poderia contribuir para a consciencialização do problema. Porém, bastam alguns exemplos de produtos culturais das últimas décadas para percebermos que o fim do tabu pode não ser interpretado necessariamente como meio de combater o crime; pode, pelo contrário, ser acusado de perpetuação da objectivação do corpo e de uma certa erotização da violência contra o feminino. Lembremos a imagem da loura abusada (pernas e seios) no filme de terror, lembremos as duras críticas ao filme de Gaspar Noé *Irréversible* (França, 2002) pelo plano-sequência de nove minutos com uma violação explícita em que a câmara focaliza sobretudo o corpo da bela vítima.<sup>7</sup>

Segundo diversos estudos, a representação de actos de violência sexual coloca dilemas difíceis ao pensamento feminista:

What are the ethics of reading and watching the representations of rape? Are we bearing witness to a terrible crime or are we participating in a shameful voyeuristic activity? (Horeck, 2004: iv)

As feminists we are caught between a rock and a hard place: the erasure of rape from the narrative bears the marks of a patriarchal discourse of honor and chastity; yet showing rape, some argue, eroticizes rape for the male gaze and purveys the victim myth. How do we refuse to erase the palpability of rape and negotiate the splintering of the private/public trauma associated with it? (Jyotika, 2006: 266)

São numerosos os escritores e cineastas que se esforçaram por encontrar meios para a representação da violência sexual que não contribuíssem para a objectivação do corpo e subvertessem mitos em torno da violação. A realizadora portuguesa Teresa Villaverde, por exemplo, decidiu não mostrar explicitamente a violência sexual na longa-metragem que realizou sobre a prostituição forçada, *Transe* (2006),<sup>8</sup> justificando esta escolha em várias entrevistas aquando da estreia do filme:

---

<sup>7</sup> Não há aqui espaço para a análise deste filme complexo. Refiro-o apenas por a sua recepção – por um lado, elogios pela ousadia do realizador ao representar explicitamente a brutalidade que acompanha muitas violações, por outro, acusações de sensacionalismo e voyeurismo – apontar para alguns dos pontos-chave nos debates sobre a representação da violência sexual.

<sup>8</sup> Analisei as estratégias de representação da violência sexual nesta longa-metragem no artigo “Espaços de exclusão e desamparo. Sobre alguns filmes de Teresa Villaverde”, *Quo vadis, Romania? Zeitschrift für eine aktuelle Romanistik*, 2009, 34, 82-99.



Em cinema há um limite para a brutalidade. Há um degrau de violência que não se pode subir, senão estamos a passar para o lado dos agressores. Mostrar o que eles fazem é descer ao nível deles. (Carvalho, 2006)

Nunca se consegue ilustrar a verdadeira dimensão do sofrimento. O horror só se pode conhecer por sensações, é demasiado terrível para ser conhecido numa forma realista. Até por uma questão de respeito pelas pessoas que vivem coisas muito brutais, não se pode encenar o inferno. Não se pode banalizá-lo; nem encenado de forma realista a sua verdade é atingida. (Cunha, 2006)

Muitos criadores optaram por encenar a violência sexual através da perspectiva da vítima, focalizando-se nela, na sua interioridade, no seu sofrimento. Com *The Accused* (1988), um dos filmes sobre violação mais famosos e mais estudados, o realizador Jonathan Kaplan esforçou-se por representar o trauma e as dificuldades de a mulher violada se fazer acreditar em tribunal. Muitas obras que pretendem denunciar a violação conjugam a descrição/exibição do corpo feminino enquanto testemunho da violência com o olhar da vítima. Veja-se, na literatura, o exemplo de *Mercy* (1990) da feminista Andrea Dworkin, ou, no cinema, o de *Lilia4ever* (Suécia, 2002) de Lukas Moodysson, longa-metragem sobre a prostituição forçada que filma a violação em câmara subjectiva tentando recrear o campo de visão da vítima enquanto é sucessivamente abusada.

A representação da violência sexual coloca ainda uma série de outros dilemas aos criadores. Numa projecção teste de *Blindness* (Brasil/Canadá/Japão, 2008) de Fernando Meirelles, a adaptação cinematográfica do romance *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago, 58 mulheres, de uma plateia de 540 espectadores, saíram perturbadas perante as sequências de violação. No final, o inquérito aos espectadores revelou que as referidas sequências tinham desagradado fortemente aos presentes. A fim de não alienar o grande público, o realizador decidiu rever a montagem do filme, reduzindo substancialmente a duração das sequências em causa na versão que viria a ser comercializada (Meirelles, 2008). As reacções de desconforto e angústia de muitos espectadores a este tipo de sequências denunciam as dificuldades em conciliar expectativas que grandes sectores do público associam à arte e ao entretenimento (beleza, prazer, fruição) com experiências de violência extrema e sofrimento. Torna-se assim necessário questionar a utilidade de sequências de violação explícitas em obras com a pretensão de atingir um público alargado. Poderá a presença de momentos de violência sexual afastar potenciais leitores e espectadores, reduzindo conseqüentemente a capacidade de difusão e de intervenção das obras em questão?

### **Insuficiências da explicação “universal” da violência sexual na guerra**

Como outros casos de violência sexual em conflitos armados, as violações em massa de mulheres alemãs por membros dos exércitos aliados e seus colaboradores permitem antever as limitações e insuficiências da explicação “universal” da violação na guerra, quer segundo a concepção tradicional de que a violência sexual seria resultado de uma masculinidade exacerbada libertada nos combates, quer segundo a perspectiva feminista de crítica à submissão e objectivação da mulher no patriarcado, que está na origem da degradação da mulher a espólio de guerra e a objecto possuído para humilhar os inimigos. Ainda que as violações sejam uma constante em cenários de guerra, ainda que, da perspectiva das vítimas, o sofrimento possa não ser muito distinto, uma aceitação acrítica desta universalidade pode induzir em certos erros: que as violações nas guerras são todas idênticas, derivam de um mesmo impulso, se revestem das mesmas formas e da mesma intensidade e cumprem funções idênticas. Um estudo comparativo dos diferentes cenários de guerra mostra-nos a falácia destes pressupostos.

Quando se fala da violação de mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial por membros do Exército Vermelho, deparamos com um lugar-comum: tratou-se de um acto de vingança pelos terríveis crimes de guerra que marcaram o ataque nazi à União Soviética e a ocupação alemã. Ainda que esta explicação não seja falsa, ela é insuficiente e pode mesmo ser enganadora. Não vale a pena procurar exemplos de cenários de guerra em que um lado sedento de vingança não recorreu a essa prática.<sup>9</sup> A própria frente Leste na Segunda Guerra Mundial revela as insuficiências de uma explicação “universal”. Desde logo, como referi no início, não foram apenas as mulheres identificadas com o inimigo (alemãs ou mulheres de nacionalidade e/ou etnia suspeita de colaborar com o Terceiro Reich) que foram alvo de violação por parte dos soviéticos. Para além disso, também a intensidade da violência sexual mudou ao longo do conflito: por exemplo, os níveis de violência da parte do Exército Vermelho para com as alemãs foram mais elevados na Prússia Oriental do que em Berlim, apesar de pouco tempo separar as batalhas (Beavor, 2002: 24-39, 406-20). Também as formas em que se traduziu a violência sexual divergem substancialmente: por exemplo, a institucionalização da prostituição forçada, utilizada pelos alemães no Leste, não se verificou durante a ocupação soviética. Sem negar a universalidade da violência sexual na guerra, é

---

<sup>9</sup> Existem casos em que, apesar da ferocidade dos confrontos, a violação não é usada. Por exemplo, os Vietcongs não teriam recorrido à prática na guerra do Vietname, apesar de ela ter sido muito comum entre os seus adversários. Veja-se, por exemplo, o capítulo que Susan Brownmiller dedica a este conflito (Brownmiller, 1975: 86-113).

necessário atender aos contextos, aos factores que motivam essas variações. Enquanto a falta de disciplina militar, resultante em grande parte da elevadíssima taxa de mortalidade no Exército Vermelho, parece ter sido um factor a ter em conta nas violações cometidas pelos soviéticos, as violações praticadas pelo lado alemão (e a resposta das autoridades com a institucionalização da violação em bordéis, a não punição dos violadores e a abordagem da questão com o único intuito de potenciar a eficácia combativa dos soldados e impedir a transmissão de doenças venéreas) desvendam claramente a ideologia racista e genocida do Terceiro Reich. No entanto, dos dois lados (alemão e soviético) as violações parecem ser mais um efeito da guerra que os militares superiores não tentaram combater,<sup>10</sup> e não tanto o resultado de uma estratégia militar consciente de humilhação do inimigo.<sup>11</sup>

Os elevados índices de violência sexual contra as alemãs especialmente às mãos dos soldados soviéticos e seus colaboradores tem de ter incontestavelmente em conta o desejo de vingança pelos crimes alemães, mas há que questionar o que levou a vingança a exprimir-se dessa forma. O contexto era propício e não se pode explicar apenas com a ferocidade da propaganda de guerra soviética nem com a questão da indisciplina no Exército Vermelho. Guerras com um forte teor étnico e racial entre forças políticas e culturais profundamente marcadas por valores patriarcais, como era o caso da frente Leste na Segunda Guerra Mundial, parecem fomentar a violência sexual como forma de humilhar e aterrorizar o inimigo, uma vez que, no patriarcado, a pureza racial e sexual tendem a surgir intimamente ligadas.

---

<sup>10</sup> A investigação histórica citada (*supra* nota de rodapé 3) aponta para o facto de a proibição oficial da violação por parte das autoridades alemãs coexistir na frente Leste com uma realidade de raríssima punição do crime. Regina Mühlhäuser propõe o conceito de “espaços de oportunidade para a violência” (conceito retirado de um estudo de Bernd Greiner sobre a guerra do Vietname) para entender os elevadíssimos índices de violência sexual praticada pelas forças alemãs na União Soviética (Mühlhäuser, 2010: 154-5).

<sup>11</sup> Torna-se difícil definir claramente em que situações é possível falar do uso da violação como estratégia militar comandada pelas altas esferas. No caso do genocídio do Ruanda houve exortações, por parte de dirigentes radicais Hutu, à violação das mulheres Tutsi. Nas guerras de desintegração da Ex-Jugoslávia há claros sinais de que as violações funcionaram como meio de terror num contexto de perseguição e expulsão das comunidades inimigas. Mesmo quando não existe uma “ordem superior” as violações podem desempenhar um papel importante sobretudo em contextos de luta pela posse da terra. Lembremos um caso “menor” de violência sexual: as violações de palestinianas na guerra de 1948. Apesar de terem ocorrido em número muito reduzido, jogaram eficazmente com os códigos do patriarcado da cultura palestiniana, desempenhando um papel importantíssimo no afastamento da população palestiniana e consequente apropriação da terra para a colonização sionista (Wadi, 2009: 39ss.).

## A construção da vítima

O facto de as mulheres alemãs violadas na Segunda Guerra serem parte de uma nação culpada de genocídio e de terríveis crimes de guerra permite problematizar certas complexidades do âmbito da construção da vítima. Quando em 1992 a realizadora feminista Helke Sander apresentou o documentário *Befreier und Befreite* com entrevistas a alemãs violadas, sem questionar essas mulheres sobre a sua conduta durante o Terceiro Reich, Atina Grossmann acusou a obra de descontextualizar intencionalmente os eventos:

[...] this is not [...] a “universal” story of women being raped by men, as Helke Sander would have it, but of German women being abused and violated by an army that fought Nazi Germany and liberated death camps. Mass rapes of civilian women also signaled the defeat of Nazi Germany. (Grossmann, 1995: 48)

Laurel Cohen-Pfister considera as violações como a questão mais problemática na discussão do “sofrimento alemão” por baralhar as categorias de vítimas e de carrascos no contexto da Segunda Guerra Mundial:

While the lines between victim and perpetrator are clearly drawn in the crime of rape, these same roles are obfuscated when the victims belong to the wrong side. In the early 1990s, the worldwide focus on Moslem women raped by Serbs, and the scant regard for Serbian victims of rape, made Serbian feminists proclaim that rape victims are divided “according to whether they belong to the “good guys” or the “bad guys”. Women's interests, they brought forth, lose to the “interest of the women belonging to the side that was [...] the good side in [...] [the] war” (Nicolic-Ristanovic 45).<sup>12</sup> The defining question is, how much recognition should be accorded to the injury of the “assailants”, or indeed, whether the raped who belong to the wrong side are even victims. (Cohen-Pfister, 2006: 316-7)

Estes trabalhos partem do pressuposto de que a pessoa violada é imediatamente considerada vítima, um pressuposto duvidoso, pois na prática, e apesar dos grandes progressos das últimas décadas, as mulheres violadas não são necessariamente encaradas como vítimas. A tendência para escrutinar o comportamento da mulher, para inquirir a sua identidade, mostra que não foi só no passado que a violação era considerada como tal dependendo de quem era a vítima;<sup>13</sup> também no presente a prova da violência sexual por si só

<sup>12</sup> Trata-se da académica feminista Vesna Nikolić-Ristanović.

<sup>13</sup> A história da violação é também a história do conceito de vítima de violação. Basta recordar que a escrava não era legalmente tida em conta e que só muito tarde as legislações nacionais começaram a considerar a prostituta como possível vítima.

não é garantia de estatuto de vítima. Basta ter em conta as maiores dificuldades de prostitutas ou de mulheres consideradas promíscuas para provar o crime em tribunal ou junto de um certo senso comum. Estudos como o clássico de Susan Brownmiller *Against our will* revelam como as vítimas são construídas no discurso. No subcapítulo “Blonde ex-showgirl slain in hotel suite”, relata como, apesar de as estatísticas fornecidas pela polícia de Nova Iorque indicarem que as negras eram as vítimas mais frequentes de violação na cidade, a análise do *Daily News* em 1971 mostrava que os casos de violação e/ou de assassínio de mulheres noticiados pelo jornal tendiam a obedecer a uma imagem estereotipada: as vítimas eram descritas como jovens, brancas, inocentes, de classe média e atraentes (Brownmiller, 1975: 336-41). Este exemplo sinaliza alguns dos filtros por que passam as histórias de violação quando entram no espaço público e o consequente silenciamento problemático dos casos que não encaixem nestes estereótipos (cor, idade, peso, estatuto social, profissão, etc.), com consequências bastante funestas no combate ao crime. Ao associar a violação a um certo modelo de beleza, não se corre apenas o risco de reforçar mitos como o de que a mulher que se veste de maneira atraente escolheu o perigo ou anda à procura de sexo. Cria-se uma imagem estereotipada que pode funcionar como arma contra as vítimas de violência sexual reais e quotidianas.

Na guerra, a questão da avaliação da gravidade do crime em função da identidade da vítima não se põe tanto em termos de moralidade sexual e de aspecto físico (ainda que estas categorias continuem presentes), mas em termos de conduta política e de pertença nacional ou étnica. Num contexto de tantos crimes de guerra, em que o lado alemão era inequivocamente agressor, em que as mulheres alemãs não podem ser consideradas menos cúmplices do que homens (é de supor que entre as alemãs violadas se encontravam fervorosas apoiantes do regime, mulheres que tinham denunciado opositores e judeus às autoridades), pode falar-se deste crime? Por outro lado, ao recusar dar destaque a esta violência sexual por causa dos crimes do Terceiro Reich e da cumplicidade de muitas alemãs com o regime, não estaremos a transpor para a política e para os cenários de guerra uma imagem idealizada da vítima de violação, a reafirmar o postulado de que para se ser vítima *a sério* há que provar que se é inocente, que se tem uma conduta prévia exemplar? É precisamente a identidade como cidadãs do Terceiro Reich e a cumplicidade que permite ao caso das mulheres alemãs violadas desafiar equações binárias muito problemáticas e comuns nos discursos sobre violação.

### **Contexto político e experiência individual**

As violações das mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial permitem reflectir sobre uma questão muito controversa nos debates sobre o “sofrimento alemão”: a conexão entre experiência individual e destino colectivo. Quando Martin Walser publicou *Ein springender Brunnen* (1998), romance com traços auto-biográficos, no qual é invocada uma infância feliz nos anos 30 sem se proceder a um verdadeiro confronto com o contexto político, ouviram-se críticas. Será possível evocar experiências individuais, perspectivas que não atendam ao contexto político em que essas vivências se desenrolaram? Ao destacar figuras de inocentes (crianças, mulheres, jovens soldados) nas revisitações da guerra, tornando essas figuras potenciais expoentes nacionais, não se estará a fazer dos alemães um povo de vítimas (e não de executores)? Mas, por outro lado, a recusa em dar realce a este tipo de figuras (é certo que muitas mulheres violadas eram apoiantes do regime, mas muitas não o eram; é necessário ter igualmente em conta que muitas das vítimas eram adolescentes) não poderá correr o risco de legitimar a punição colectiva bem como de desculpabilizar os crimes de guerra quando cometidos pelo “lado bom”?

Este tipo de questões permite inferir a indissociabilidade do individual e do público nas histórias de guerra. As alemãs violadas na Segunda Guerra são um caso que revela exemplarmente como o privado não consegue fugir ao colectivo e ao internacional, isto é, como os destinos privados são moldados e determinados por decisões e acontecimentos políticos. Ainda que sentidas pelas vítimas como acontecimentos do foro privado, essas vivências só podem ser compreendidas (o que não implica a desculpabilização nem o branqueamento dessas acções) atendendo aos eventos políticos que conduziram à sua ocorrência.

### **Vivências privadas e discursos públicos**

Se as violações das mulheres alemãs foram certamente sentidas por muitas vítimas como consequências, a nível individual e do privado, de eventos políticos internacionais (efeitos da grande História no círculo privado),<sup>14</sup> o discurso criado posteriormente em torno dessas violações revela-nos como o privado volta ao político, nomeadamente como o privado se torna de novo uma questão internacional. Estudos como o de Sabine Sielke chamaram a

---

<sup>14</sup> Veja-se, por exemplo, o diário anónimo *Eine Frau in Berlin*, em que a autora relaciona, em várias ocasiões, a violência sexual de que é vítima com as acções das forças alemãs na frente Leste.

atenção para o facto de, quando transpostas para o discurso, as histórias de violação perderem frequentemente o seu referente:

[...] to talk about rape does not necessarily denote rape [...]. Instead, transported into discourse, rape turns into a rhetorical device, an insistent figure for other social, political, and economical concerns and conflicts. (Sielke, 2002: 2)

Um caso recente poderá ilustrar este tipo de situação. Quando, na campanha eleitoral para as eleições legislativas italianas de 2007, a violação e o assassinio de Giovanna Reggianni por um imigrante ilegal da Roménia de etnia cigana se tornou tema de campanha, favorecendo os partidos de direita e de extrema-direita com um programa anti-imigração, tal significou uma maior preocupação do eleitorado com a violência contra as mulheres? Ou traduziu apenas o crescente clima de xenofobia, hostilidade e ódio aos imigrantes e às comunidades ciganas que têm marcado os últimos anos na Itália?

Este tipo de apropriações de histórias de violação para fomentar certos programas políticos pode, por sua vez, criar um conjunto de inibições. No final do capítulo “A Question of Race”, Brownmiller afirma que o papel importantíssimo que o discurso racista sobre o negro violador desempenhara na afirmação da supremacia branca e nos linchamentos de negros no Sul dos EUA acabara por criar, em certos sectores liberais e de esquerda, descrédito e indiferença perante histórias de mulheres brancas violadas por negros (inclusivamente algumas vítimas vindas desse espectro ideológico sentiriam relutância em contar as suas histórias) (Brownmiller, 1975: 253-5). Da mesma maneira, uma obra com testemunhos de mulheres negras vítimas de violação por parte de negros – *Surviving the Silence. Black Women's Stories of Rape* (1998) de Charlotte Pierce Baker – alude a resistências dentro da comunidade negra a prestar a atenção necessária às violações por receio de que essas histórias pudessem ser interpretadas como comprovação de um estereótipo que tanto sofrimento causou aos negros norte-americanos.

Os discursos tecidos sobre as violações de alemãs na Segunda Guerra Mundial desvendam igualmente uma teia de instrumentalizações ideológicas e consequentes desconfianças perante a temática. O discurso anti-comunista alemão dos anos 50 é emblemático da utilização da violência sexual na promoção de objectivos políticos. A apropriação e o aproveitamento ideológico desses acontecimentos por discursos anti-comunistas e/ou revisionistas criou, em certos sectores, um conjunto de conotações

pejorativas em torno da temática. Esta situação ajuda a compreender as estratégias de representação e os silêncios que marcariam algumas abordagens feministas alemãs à esquerda a partir da década de 70 (por exemplo, o esbatimento da agência feminina no Terceiro Reich e o uso de violadores norte-americanos no filme de Helma Sanders-Brahms *Deutschland, bleiche Mutter*). As violações de alemães permitem assim revelar não só as apropriações da temática por diferentes programas ideológicos, mas também em que medida a existência de um discurso em torno da questão pode funcionar não como meio de emancipação, mas de inibição.

### **A legitimação da violência fundadora dos Estados**

Por fim, as violações das mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial permitem averiguar um processo estudado por autores como Paul Ricoeur: como os acontecimentos fundadores de uma nação são normalmente actos violentos posteriormente legitimados pelo Estado num processo em que a memória é manipulada e posta ao serviço de uma identidade nacional (Ricoeur, 2000: 95-98). O caso alemão pós-1945 com a formação de dois Estados rivais, dominados por ideologias em confronto na Guerra-Fria, oferece-se aqui como exemplo privilegiado para aferir como a recordação da violência é marcada pela ideologia em que se efectua essa lembrança. Na RFA, as violações de alemãs tornar-se-iam emblemas da vitimização alemã pelo comunismo, enquanto no espaço público da RDA seriam quase silenciadas. Por outro lado, os bombardeamentos aéreos, com menor interesse na RFA, seriam recordados em celebrações públicas na RDA, sobretudo a partir da guerra da Coreia, como exemplo dos crimes do imperialismo anglo-americano.<sup>15</sup>

### **II – As violações de alemãs na cultura alemã: uma memória em mutação**

Ao contrário do que foi repetidamente afirmado na comunicação social no período pós-Reunificação, as violações cometidas pelo Exército Vermelho não foram silenciadas na cultura alemã. É certo que, ao contrário dos antigos combatentes e dos expulsos de Leste, que nas primeiras décadas da RFA gozavam do estatuto privilegiado de vítimas de guerra e se organizaram em ligas e associações de grande projecção, beneficiando de ajudas do Estado, as mulheres violadas, confrontadas com o estigma da violência sexual, não se afirmaram como grupo nem alguma vez viram qualquer tipo de prestígio ser associado ao seu passado. É

---

<sup>15</sup> Sobre as memórias alternativas da guerra moldadas pelos Estados alemães rivais na Guerra-Fria, ver, por exemplo: Moeller (2001a, 2005, 2006).



também verdade que, na literatura consagrada, a questão das violações de alemães no contexto da Segunda Guerra Mundial, ainda que presente, teve reduzido destaque. Porém, se considerarmos as memórias, as auto-biografias, o cinema, a historiografia, a propaganda política, verificamos que o tema tem uma importante presença na RFA.

Pelo contrário, a violência sexual exercida pelos militares alemães contra mulheres eslavas e judias na frente Leste pauta-se pela sub-representação na cultura alemã. Encontramos breves referências às violações cometidas pelos alemães no Leste em obras como a longa-metragem *Stalingrad* de Joseph Vilsmaier (RFA, 1993) e o romance *Unscharfe Bilder* (2003) de Ulla Hahn, obras que podem ser vistas como expoentes, algo problemáticos, da vitimização do soldado alemão na frente Leste.<sup>16</sup> Tendo em conta os elevados níveis de violência sexual que caracterizaram a ofensiva e a ocupação alemã no Leste, reconhecendo que a literatura e o cinema alemães abordaram abundantemente os crimes de guerra alemães, como explicar esta reduzida presença? Será ainda um efeito da persistência, pelo menos até ao impacto causado pela famosa exposição dos anos 90 sobre os crimes de guerra da *Wehrmacht*, do mito de um exército digno, por oposição às criminosas SS, a quem tradicionalmente eram imputados os crimes de guerra? Terá esta quase ausência a ver com o questionável pressuposto de que a violação é uma forma de violência animal, primitiva e incivilizada (os alemães estariam dispostos a ver-se como criminosos no passado, mas não como bárbaros)? Ou o facto de as poucas obras que falam no assunto serem sobre o “sofrimento alemão” não virá insinuar que, frequentemente, o reconhecimento e a empatia pela dor do Outro tendem a ser precedidos e acompanhados pelo luto pelas perdas do eu?

Postular que não houve tabu em torno das violações de alemães não significa que, depois da Reunificação, quando a comunicação social celebrou *BeFreier und Befreite* e *Uma Mulher em Berlim* como o fim de um silêncio auto-imposto, não se assista a nenhuma novidade na abordagem da temática. Para compreendermos a evolução do discurso em torno das violações torna-se necessário recorrer a um conceito alargado de narrativa enquanto tentativa de, ao

---

<sup>16</sup> Trata-se de obras que não camuflam os crimes cometidos pelos alemães na frente Leste. Nos dois casos há, porém, uma clara focalização no sofrimento do “pequeno soldado” alemão enredado numa engrenagem assassina. O filme colocou no centro um grupo de soldados que é transferido da solarenga e calma Itália para o inferno de Estalinegrado, uma estratégia com a finalidade de criar empatia do público com as personagens e de tornar verosímil a sua apresentação como vítimas. Na realidade, grande parte dos soldados alemães que sofreram e morreram em Estalinegrado tinha assistido e, em muitos casos, participado nos massacres de civis e no extermínio de judeus e outros “indesejáveis” que acompanharam o ataque alemão à União Soviética. O romance é mais complexo ao partir da indagação de uma filha confrontada, na famosa exposição sobre os crimes da *Wehrmacht*, com o que parece ser uma prova da participação do seu pai nos referidos crimes de guerra. Ainda que possível carrasco, o pai não deixa de surgir também como vítima (condições da guerra no Leste, a consciência de culpa, etc.).

narrar um evento/história, de o/a organizar, lhe dar significado. Antes da Reunificação encontramos na RFA três narrativas principais sobre as violações de mulheres alemãs: a anti-soviética, a da culpa e a de vitimização feminina. São narrativas sem fronteiras estanques, que mantiveram contacto entre si e que, nalguns casos, se alimentaram mutuamente, podendo um mesmo título participar das diversas narrativas em diferentes graus.

Antes de passar à apresentação dessas três narrativas, torna-se necessário ter em atenção que ainda antes da ocorrência das violações de mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial já existia um discurso profícuo sobre a alemã violada pelo estrangeiro, sobretudo em meios nacionalistas e nacional-socialistas. Encontra-se, por exemplo, na chamada *Schwarze Schmach am Rhein* [vergonha negra no Reno], a polémica em torno da suposta epidemia de crianças mestiças resultante das violações de alemãs por soldados negros (sobretudo senegaleses) do Exército Francês estacionados em território alemão.<sup>17</sup> Esta questão, que nos anos 20 apaixonou a opinião pública alemã e ganhou mesmo projecção internacional, é um tópico recorrente nos discursos contestatários das condições do Tratado de Versalhes, que encontrou ressonância na literatura trivial (ver, por exemplo, um romance de 1921 de Guido Kreuzer intitulado precisamente *Die Schwarze Schmach*). A mulher violada surge, neste contexto, como símbolo da nação subjugada e maltratada num discurso marcado por uma ideologia racista e pela fobia da miscigenação, entendida como degenerescência racial. Outro discurso que se socorre abundantemente da fobia do “estrangeiro violador” é a propaganda anti-semita (os judeus alemães são aqui vistos como “não-alemães”, como corpos estranhos à comunidade). No órgão de propagação da ideologia nacional-socialista *Der Stürmer* (1923-1945) encontramos a imagem recorrente do judeu sedutor/violador. O mais importante testemunho deste tipo de utilização de violência sexual para a promoção do racismo e do anti-semitismo é o célebre *Jud Süß* (Alemanha, 1940) de Veit Harlan, longa-metragem de legitimação da segregação e do genocídio que tem na violação da ariana Dorothea pelo judeu Süß o momento central do guião. A propaganda anti-soviética da guerra socorre-se do discurso pré-existente do “violador estrangeiro”, dirigindo-o contra o Exército Vermelho. Sobretudo a partir do massacre de Nemmersdorf (1944), os casos de alemãs violadas por soldados soviéticos ganham cada vez mais proeminência nos meios de comunicação. Nos textos e nos cartazes em que figuram alemãs ameaçadas ou vítimas de violência sexual cruzam-se a imagem da pátria dominada, a denúncia da bestialidade do inimigo e a fobia da

---

<sup>17</sup> Sobre a questão ver, por exemplo, Nelson (1970); Wigger (2006).

*Rassenschande* [desonra da raça]. O violador surge como russo selvagem (o bárbaro Iwan), como mongol (uma horda asiática alusiva à brutalidade dos exércitos de Genghis Khan), ou com traços físicos provenientes da imagem estereotipada do judeu na propaganda anti-semita. Não será mero acaso que o judeu Ehrenburg seja o propagandista soviético que mais destaque ganhou na propaganda nazi como objecto de ódio ao ser directamente responsabilizado pelo incitamento à violação das mulheres alemãs.<sup>18</sup>

O impacto desta propaganda na população civil foi fortíssimo, tendo, tal como a historiadora Atina Grossmann notou, determinado e influenciado a reacção de muitas vítimas de violação e dos seus familiares (Grossmann, 1995: 113-117). Para muitos alemães confrontados com as violações cometidas por soldados soviéticos (muitos de feições não europeias, em estado de embriaguez, em actos de grande brutalidade que em não poucos casos culminaram na morte das vítimas), a violência sexual é vivida como uma profecia tornada realidade e a comprovação de que afinal Goebbels “tinha razão” quando descrevera os horrores que recairiam sobre os alemães se os soviéticos ganhassem a guerra. O impacto da propaganda nacional-socialista não se limita à permanência de estereótipos antigos no espaço privado e público. Mesmo obras que refutam a apropriação nacionalista e xenófoba da violência sexual, como, por exemplo, o entretanto famoso diário *Uma Mulher em Berlim*, uma contra-narrativa à usurpação das violações por discursos militaristas, têm de ser compreendidos numa dimensão dialógica com a propaganda anti-soviética de finais da guerra.<sup>19</sup>

A primeira grande narrativa da RFA a apropriar-se das violações de alemãs na Segunda Guerra Mundial foi a anti-soviética, uma narrativa muito moldada pelo contexto da Guerra-Fria e pela redefinição da RFA como nação ocidental cristã. Está presente na propaganda

---

<sup>18</sup> Ainda que haja dúvidas quanto à autenticidade das famosas tiradas a exortar à violação das alemãs, os textos de Ilya Ehrenburg, marcados, tal como os de outros propagandistas de guerra soviéticos, pela demonização do povo alemão, devem ser tidos em conta no contexto das atrocidades cometidas pelo Exército Vermelho. Nenhuma investigação histórica séria iria, porém, atribuir a um propagandista (e não aos dirigentes políticos, às chefias militares ou aos próprios autores materiais) a responsabilidade dos crimes cometidos por grande parte do exército.

<sup>19</sup> Estudo a relação do diário anónimo com a propaganda nacional-socialista no texto „Gegen die Tranfiguration der Vergewaltigung: Eine Frau in Berlin“, in Hanenberg, Peter; Gil, Isabel Capeloa; Guarda, Filomena Viana; Clara, Fernando (org.) (2010), Kulturbau. Aufräumen, Ausräumen, Einräumen. Frankfurt: Peter Lang. Analiso as especificidades do diário no contexto dos relatos de memórias da derrota alemã no artigo „Höhlenbewohner. Die Erfahrung des totalen Krieges im Tagebuch Eine Frau in Berlin“ (texto aceite para integrar as actas do congresso „Metropolen als Ort von Begegnung und Isolation“, que decorreu em Istambul de 11 a 15 de Outubro de 2009).

eleitoral, nos discursos políticos, nas memórias de guerra, na historiografia, no cinema.<sup>20</sup> Ainda que influenciada pelo discurso anti-bolchevique do Terceiro Reich na interpretação das violações como marca do carácter perverso e bárbaro do comunismo, tem as suas características próprias. Trata-se de uma narrativa que existe na Alemanha, tendo grande importância nos círculos de expulsos do Leste (a violação foi uma experiência que marcou profundamente a fuga e a expulsão do Leste), mas que se encontra também no estrangeiro. Exemplo da presença da temática fora da RFA são os romances de propaganda norte-americanos *The Big Rape* (1951) de James Wakefield Burke e *Armageddon: A Novel of Berlin* (1963) de Leon Uris. Nesta narrativa confluem o anti-comunismo, as teorias do totalitarismo (o nazismo e o comunismo como sistemas aparentados e quase gémeos) e a vitimização alemã (os alemães como vítimas da guerra, primeiro de Hitler e depois de Estaline). O anti-comunismo socorre-se aqui de tópicos orientalistas. O comunismo surge como expoente da barbárie asiática, isto é, como algo não europeu, não obstante o facto de alguns dos grandes ideólogos do socialismo serem alemães e de, com o Exército Vermelho, terem regressado à Alemanha muitos exilados alemães do Terceiro Reich, que iriam ocupar cargos administrativos importantes na zona de ocupação soviética e futura RDA. Trata-se da narrativa hegemónica da RFA da era Adenauer, na qual confluíram os interesses das igrejas cristãs no seu combate ao secularismo e ao comunismo. Serviu a legitimação da integração da RFA em instituições europeias e internacionais como a NATO ao promover um ideal de Europa entendido por oposição a uma Ásia bolchevique e bárbara.

Esta narrativa anti-soviética corresponde a uma versão ou adaptação do discurso tradicional sobre a violação nas guerras: a violência sexual é apresentada como marca do inimigo, servindo assim para desacreditar e demonizar os seus combatentes. Nesta narrativa não há espaço para alemães violadores e, em muitos casos, nem sequer para crimes alemães. Veja-se o volume *Martyrium und Heldentum ostdeutscher Frauen. Ein Ausschnitt aus der schlesischen Passion* [Martírio e heroicidade das mulheres alemãs do Leste. Um aspecto da

---

<sup>20</sup> Os exemplos são numerosos. Alguns cartazes de propaganda da época com alusões às violações cometidas pelos soviéticos podem ser vistos em <http://www.dhm.de/~roehrig/ws9596/texte/kk/dhm/bsp.html> [acedido a 01-03-2010]. Veja-se a análise de Elisabeth Heineman deste tipo de propaganda (1996: 355, 367-73). Entre os cerca de onze mil testemunhos recolhidos no âmbito do projecto „Dokumentation der Vertreibung der Deutschen aus Ost-Mitteleuropa“ [Documentação da Expulsão dos Alemães da Europa de Leste e Central], e dos quais cerca de setecentos foram publicados nos oito volumes editados em Bona entre 1953 e 1962, acumulam-se referências a situações de violência sexual. Sobre o projecto ver, por exemplo, Moeller (2001b: 51-87). A protagonista do filme *Taiga* (Wolfgang Liebeneiner, 1958) fora vítima de violência sexual no cativeiro soviético. Uma das cenas finais do famoso *Der Arzt von Stalingrad* (Géza von Radványi, 1958) – a médica russa levada por guardas mongóis – alude às violações. Sobre estes filmes, ver Moeller (2001b: 123-170).

paixão da Silésia] (1954) de Johannes Kaps, uma recolha de histórias de violações de alemães por membros do Exército Vermelho e seus colaboradores. Neste tipo de textos, quando referidas, as atrocidades cometidas pelos alemães tendem a ser imputadas a grupos específicos como as altas cúpulas do Partido, a Gestapo e as SS, não sendo assim vistas como representativas do povo alemão. Exemplar desta corrente é o famoso diário de Hans Graf von Lehndorff (1910-1987) *Ostpreußisches Tagebuch. Aufzeichnungen eines Arztes aus den Jahren 1945-1947* [Diário Prussiano. Anotações de um médico dos anos 1945-1947],<sup>21</sup> que se tornaria um grande êxito editorial da RFA, sendo alvo de sucessivas reedições. A mulher violada tem aqui os traços característicos das narrativas nacionalistas convencionais de violação: inocente, jovem, quase anónima. O corpo surge como signo de violência, enquanto a vítima quase não tem voz, não existindo como sobrevivente, apenas como denúncia de um crime.<sup>22</sup>

A segunda grande narrativa da RFA a integrar as violações é a da culpa. A partir dos anos 60, assiste-se a uma redefinição da memória da guerra: de um “povo de vítimas” os alemães passam a “povo de executores”, à medida que a Shoah ganha centralidade na memória do passado e o Estado se esforça por punir criminosos de guerra. Nesta narrativa, de que são exemplos o influente romance *Die Blechtrommel* [O Tambor] (1959), primeiro volume da trilogia de Danzig de Günter Grass, e a sua transposição para o cinema, num filme com o mesmo título (1979) do realizador Volker Schlöndorff, as violações ocupam um lugar marginal, podendo mesmo ser banalizadas e desdramatizadas. Veja-se a violação da vizinha Lina Greff no filme de Schlöndorff: decorre em pano de fundo, com a atenção do espectador desviada para um momento de alta tensão no primeiro plano, a tentativa de Matzerath de esconder o crachá do Partido. Não só a atenção do espectador é dirigida para a culpa alemã (a insígnia do Partido), e não para o sofrimento alemão (a violência sexual), como também o próprio dramatismo inerente ao acto de violação em grupo acaba por ser minimizado pela actuação e morte grotesca da personagem em primeiro plano. Mesmo obras que dão centralidade às violações e mostram grande empatia com as vítimas, como *Die Stunde der*

---

<sup>21</sup> O diário foi publicado originalmente em 1960 no contexto do já referido projecto governamental sobre a expulsão com o título *Ein Bericht aus Ost- und Westpreußen 1945-1947. Dokumentation der Vertreibung der Deutschen aus Ost-Mitteleuropa*. Em 1961, foi editado como publicação autónoma (München: Biederstein) com o título pelo qual é actualmente conhecido, assistindo nas décadas seguintes a numerosas reedições. Nos anos 60 foi traduzido para várias línguas.

<sup>22</sup> Analisei o diário de Lehndorff no artigo “Uma história ‘conveniente’ de violações em tempo de guerra. Por que razão a Alemanha de Adenauer rejeitou Uma Mulher em Berlim e enalteceu Diário Prussiano” (texto a ser publicado no volume *Representações da Violência*, organizado por António Sousa Ribeiro).

*Frauen. Bericht aus Pommern 1944 bis 1947* [A hora das mulheres. Relato da Pomerânia de 1944 a 1947] (1988) de Christian Graf von Krockow, um relato das vivências da irmã do autor numa região que seria integrada na Polónia, intercalado por documentos que testemunham as atrocidades das forças alemãs sobretudo contra o povo polaco, não vão para além da explicação das violações como reacção aos crimes alemães. É certo que o texto de Krockow contém uma clara crítica ao patriarcado, mas não chega todavia a desenvolver de facto uma análise do papel dos valores e das estruturas patriarcais na promoção de violência sexual em cenários de guerra, como iremos encontrar nas abordagens feministas.

A narrativa da culpa tem a vantagem de apontar para a contextualização das violações, mostrando que esses eventos ocorreram num ambiente de grande violência, ao mesmo tempo que refuta as apropriações racistas e nacionalistas da narrativa anti-soviética. Porém, por outro lado, tem o perigo de reduzir e simplificar o problema da violência sexual na guerra a uma questão de vingança (sem explicar o que leva a vingança e exprimir-se dessa forma e por que razão nem todos os soldados violaram) e de assim potencialmente desculpabilizar os violadores.

A narrativa de vitimização feminina na guerra desenvolve-se antes da Reunificação a partir de círculos feministas e ganha grande projecção mediática em 1992 com o já referido documentário *BeFreier und Befreite*.<sup>23</sup> O mais importante produto cultural anterior à Reunificação é a longa-metragem da realizadora feminista conotada à esquerda Helma Sanders-Brahms *Deutschland, bleiche Mutter* [Alemanha, mãe pálida] (1980), a história de uma mulher cuja existência testemunha um contínuo de violências no quadro do patriarcado que vai do Terceiro Reich, passa pela guerra e se perpetua na RFA. O filme dá forma, no contexto alemão dos anos 40 e 50, a uma narrativa universal de vitimização feminina no patriarcado, integrando-se num contexto internacional de sensibilização para a violência contra as mulheres na guerra (campanhas de denúncia do crime, como a mediatização das violações na guerra do Bangladesh, e uma corrente de estudos feministas de que o clássico de

---

<sup>23</sup> A narrativa de vitimização feminina, que apresenta as mulheres alemãs como submissas no patriarcado e, como tal, com reduzida responsabilidade pelos crimes do Terceiro Reich, desenvolveu-se em círculos feministas, mas não pode ser considerada a “narrativa feminista”. Como o atesta a chamada “querela das historiadoras” (*Historikerinnenstreit*) de finais da década de 80 em torno do papel das mulheres alemãs no Terceiro Reich (vítimas ou colaboradoras?), entre as feministas essa visão estava longe de ser unânime. Obras essenciais no contexto desta acesa controvérsia são *Zwangssterilisation im Nationalsozialismus. Studien zur Rassenpolitik und Frauenpolitik* (1986), de Gisela Bock, e *Mothers in the Fatherland: Women, the Family, and Nazi Politics* (1987) da norte-americana Claudia Koonz.

Susan Brownmiller de 1975 *Against our Will. Men, Women and Rape* é o exemplo mais famoso).

Esta narrativa tem a vantagem de simultaneamente mostrar empatia pelas vítimas, repudiar o crime e tentar desviar a temática das suas conotações nacionalistas e xenófobas e da instrumentalização ideológica ao serviço do anti-comunismo.<sup>24</sup> Consegue também libertar o corpo da mulher da sua redução a sinal da violência do inimigo, tornando esse corpo num indivíduo, numa biografia. Aqui as vítimas não são necessariamente jovens belas e inocentes, são também mulheres maduras, mães, sobreviventes à violência masculina. A concretização desta narrativa não deixa, porém, de esbarrar em alguns problemas. Sanders-Brahms envereda por um esbatimento da agência feminina, já que no seu filme os crimes do Terceiro Reich são imputados quase exclusivamente aos homens. Como se verifica com o documentário de 1992, esta narrativa pode também ser acompanhada de um apagamento voluntário de certos contextos e do papel destas mulheres como apoiantes do regime. Helke Sander reconheceu indirectamente que a opção de não confrontar as mulheres entrevistadas com a sua existência no Terceiro Reich tinha a ver com o receio de que uma focalização no contexto pudesse levar o público a encarar as violações como uma “punição” justificável (Sander, 1995: 82).

Antes de passar ao período pós-Reunificação, há que referir ainda a presença da temática na RDA. Houve de facto tentativas das autoridades para silenciar a questão das violações cometidas pelo Exército Vermelho, celebrado oficialmente como libertador do fascismo. Não obstante, como o demonstra a investigação de Birgit Dahlke, existe uma série de textos literários que aborda os eventos. Segundo esta germanista, na literatura da RDA as violações pelos soviéticos tornaram-se imagens não para compreender o desfecho da guerra ou a situação da mulher em conflitos armados (como nas narrativas da RFA), mas para abordar as décadas que se seguiram e a realidade sociopolítica da RDA. Dahlke cita um conjunto de obras em que a violação é usada como imagem de uma sublimação do que teve de ser reprimido para iniciar uma nova vida no recém-criado Estado (Dahlke, 2000, 2007).

Com a Reunificação, a narrativa de vitimização feminina em conflitos armados ganha proeminência no espaço público, no contexto do renovado interesse pelo “sofrimento alemão” na Segunda Guerra Mundial. Uma certa descredibilização da esquerda (ou, pelo

---

<sup>24</sup> Julgo estar aqui a chave para compreender o que levou Helma Sanders-Brahms a substituir os violadores russos do guião de *Deutschland, bleiche Mutter* por soldados norte-americanos no filme. Esta opção valeria duras críticas à cineasta, conhecida pela sua oposição à guerra do Vietname.

menos, de uma certa esquerda) com a queda do Muro de Berlim poderá ter contribuído para uma maior receptividade do público a temáticas conotadas com a direita, como é a questão das violações de alemãs pelos soviéticos. Porém, o facto de ter sido precisamente uma cineasta associada a posições mais à esquerda a dar tal visibilidade mediática ao tema sugere, pelo contrário, que poderá ter sido o fim de certas rivalidades, que tinham sido tão agudas no espaço alemão com a existência de dois Estados rivais, a permitir uma memória mais inclusiva da guerra sem os constrangimentos das ideologias em conflito na Guerra Fria.<sup>25</sup>

O estudo do interesse pós-Reunificação pelas violações das alemãs será incompleto se nos cingirmos a um enquadramento alemão interno. Há que ter impreterivelmente em conta um contexto internacional de maior atenção ao sofrimento das mulheres nos conflitos armados e ao fenómeno da violência sexual. Os problemas de contextualização do documentário *BeFreier und Befreite* devem-se precisamente ao facto de Helke Sanders tentar inscrever as violações das alemãs numa narrativa universal de violência sexual contra as mulheres na guerra. Por isso, no filme a realizadora não só recorda a violência sexual perpetuada pelas forças alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, como, no início do documentário, aponta para duas situações muito mediatizadas na época de produção: as violações durante a ocupação do Kuwait pelas forças iraquianas e a violência sexual que acompanhou as guerras de desintegração da Jugoslávia.<sup>26</sup> É certo que as iniciativas contra a violência sexual continuam a não estar imunes à apropriação e instrumentalização. Os dois casos referidos por Sanders no início do documentário são disso exemplo: as violações de mulheres bósnias foram repetidamente invocadas por vozes que pretendiam legitimar os ataques da NATO às forças sérvias, primeiro na guerra da Bósnia e posteriormente na do Kosovo; quanto ao Médio Oriente, o uso de histórias de violação e de violência contra as mulheres tem sido uma constante nos discursos ocidentais islamofóbicos e de teor imperialista.<sup>27</sup> Sem ignorar os perigos deste tipo de instrumentalizações e a perniciosidade de muitos discursos “a favor das mulheres”, creio que há todavia que reconhecer que as últimas décadas se têm pautado por uma maior atenção ao problema da violência sexual em conflitos

---

<sup>25</sup> É precisamente o que sugerem, por exemplo, alguns estudos de Robert G. Moeller (2005: 171ss.) e de Aleida Assmann (2006: 191ss.) que destacam a Reunificação como emergir de um contexto que permitiu uma mudança na discussão dos eventos de 1945 sem a sombra das ideologias em confronto na geopolítica da Guerra-Fria.

<sup>26</sup> Sobre as limitações desta abordagem universal ao caso das alemãs violadas na Segunda Guerra, veja-se, por exemplo, a análise de Pascale Bos do documentário (Bos, 2006: 1001-10).

<sup>27</sup> Analisei a instrumentalização da violência sexual por vozes islamofóbicas e imperialistas no artigo “O violador muçulmano. Discursos de exorcização do indesejável na 'Europa fortaleza'”, texto a publicar no número 8/2010 (Rituais contemporâneos) da revista electrónica *e-cadernos CES*.



armados, o que se tem traduzido em tentativas de melhoria das legislações nacionais e internacionais para combater o crime (a Resolução 1820 (2008) do Conselho de Segurança das Nações Unidas é o mais recente exemplo), em campanhas de sensibilização e, de um modo geral, na maior presença da temática na esfera pública.

Ainda que obras como *BeFreier und Befreite* e, em certa medida, o próprio diário anónimo partilhem uma tentativa de inscrever as violações de alemãs numa narrativa universal sobre a violência sexual em conflitos armados, a recepção destas obras indica que o tema foi discutido em primeiro lugar no contexto dos discursos sobre o “sofrimento alemão” na Segunda Guerra Mundial (isto é, a par dos bombardeamentos aéreos e das expulsões da Europa de Leste e Central) e no âmbito da exigência controversa de “integrar finalmente” a dor e as perdas alemãs na memória da guerra. Como numerosos estudos demonstram (veja-se, entre outros: Hage, 2003; Moeller, 2001a, 2001b, 2005, 2006; Schmitz, 2007), os sofrimentos alemães sempre estiveram presentes no espaço público, sobretudo se tivermos em conta a década de 50: na RFA, predominava a memória de uma nação de vítimas do totalitarismo (sobretudo soviético) enquanto a memória oficial da RDA era dos alemães como povo de vítimas do fascismo. A época pós-Reunificação não poderá, porém, ser vista como uma retomada/repetição dos discursos de vitimização da RFA e muito menos dos da RDA. Ao contrário do que acontecia na RFA dos anos 50, quando os “sofrimentos alemães” tendiam a ser hegemónicos no espaço público e a marginalizar os crimes praticados, após a Reunificação, são as obras que abordam o “sofrimento alemão” sem silenciar os crimes alemães e sem contestar a centralidade da Shoah – veja-se, por exemplo, *Im Krebsgang* [A Passo de Caranguejo] (2002) de Günter Grass<sup>28</sup> e *Am Beispiel meines Bruders* [A exemplo do meu irmão] (2003) de Uwe Timm – que conseguiram um maior impacto mediático.<sup>29</sup>

Discutidas no contexto do “sofrimento alemão”, as obras sobre violações de mulheres alemãs com maior impacto público no Pós-Reunificação, o documentário de Helke Sanders e o diário anónimo, vão ao encontro de uma visão fortemente conotada com o pensamento feminista de inscrição das violações numa narrativa universal de sofrimento das mulheres na

---

<sup>28</sup> A opinião de críticos não é unânime. A novela *A Passo de Caranguejo*, por exemplo, foi celebrada em algumas recensões como notável evocação das perdas alemãs dentro de um quadro moral marcado pela consciência da culpa, e acusado noutras de perigoso revisionismo. Sobre as reacções extremas que o texto provocou ver, por exemplo, Beyersdorf (2006). Tratei a novela de Grass no texto “A novela *Im Krebsgang* de Günter Grass: a História, outra vez...”, in Maria Manuela Gouveia Delille (org.) (2007), *Em torno da novela Im Krebsgang* de Günter Grass. Coimbra: MinervaCoimbra/CIEG, 9-77.

<sup>29</sup> Não se pode obviamente generalizar esta afirmação a todas as obras pós-Reunificação sobre o “sofrimento alemão”, sendo necessária uma diferenciação cuidada dos diversos textos e dos distintos posicionamentos ideológicos dos autores em causa.

guerra, que não pretende questionar a dimensão nem a centralidade dos crimes alemães. A novidade sentida a partir dos anos 90 deve-se ao facto de esta narrativa, que até então vivia nas margens, sobretudo em círculos feministas,<sup>30</sup> catapultar com *BeFreier und Befreite* para uma posição hegemónica. Para a sensação de novidade muito contribuiu o silenciamento que o documentário fez dos discursos anteriores sobre a violência sexual na Segunda Guerra Mundial. Esta situação resulta, em grande parte, do facto de frequentemente os diversos discursos sobre violação existirem numa lógica de competitividade, excluindo-se mutuamente e reclamando legitimidade exclusiva na abordagem da questão. Helke Sander conhecia o romance norte-americano anti-soviético *The Big Rape* (refere-o numa nota de rodapé no livro), mas não reconhece neste tipo de literatura trivial de teor propagandístico qualquer validade enquanto memória dos eventos de 1945. Dificilmente a realizadora desconheceria o romance de Grass e a sua transposição para o cinema, mas a secundarização das violações nessas obras provavelmente não lhe pareceriam suficientes. As mulheres que tinham vivido a Guerra-Fria na RFA, entrevistadas no documentário, tinham sido provavelmente confrontadas com a propaganda conservadora dos anos 50 que aludia à violência sexual, mas esse tipo de discursos possivelmente não as ajudara a gerir o trauma.<sup>31</sup>

É fundamental não ignorar que, no período pós-Reunificação, a discussão das violações das mulheres alemãs tem servido tentativas revisionistas e tem sido alvo de aproveitamento ideológico por parte de vozes anti-soviéticas provenientes da direita e da extrema-direita. Existem numerosas obras numa lógica de “competição de vítimas”. O exemplo mais ofensivo que encontrei foi um volume da responsabilidade de Gert O. Sattler, *Leidensweg deutscher Frauen 1944-1949* [Calvário de mulheres alemãs entre 1944 e 1949] (1996), livro de poemas e de desenhos em que as violações e os assassinios de raparigas e mulheres alemãs no Leste são apresentados como um crime mais monstruoso do que os genocídios e massacres cometidos pelo lado alemão durante a guerra. Creio que este tipo de abordagem das violações é, porém, marginal na Alemanha, já quem têm sido os textos que não questionam a culpa (Grass, Timm, o diário anónimo, etc.) que têm obtido maiores favores da crítica e do público. Um romance como *Endstufe* [Estádio final] (2004) de Thor Kunkel,

---

<sup>30</sup> É certo que esta narrativa já se encontra em *Deutschland, bleiche Mutter*. O filme foi de facto muito discutido na altura, mas, tal como grande parte do chamado “novo cinema alemão”, não pode ser visto como um êxito de massas. O seu impacto foi mais reduzido do que o que se verificou em 1992 com o documentário.

<sup>31</sup> No documentário, algumas mulheres queixam-se precisamente da impossibilidade de abordar essas experiências de 1945 tanto junto da família como na esfera pública.

que usa o triângulo pornografia/violações/prostituição de maneira a esbater as diferenças entre os crimes de guerra alemães, soviéticos e americanos, foi simplesmente arrasado pela crítica e não vingou junto do público.<sup>32</sup>

As violações das mulheres alemãs por membros do Exército Vermelho têm igualmente contribuído para a celebração da RFA como nação integrada em instituições políticas, económicas e militares ocidentais. *Die Luftbrücke: Nur der Himmel war frei* [A ponte aérea. Apenas o céu era livre] (Dror Zahavi, 2005), *Dresden* (Roland Suso Richter, 2006) e *Die Flucht* [A fuga] (Kai Wessel, 2007),<sup>33</sup> três mini-séries alemãs pós-11 de Setembro da produtora teamworx que revisitam a Segunda Guerra Mundial (o bloqueio de Berlim em 1948/49, os bombardeamentos aéreos às cidades alemãs e a fuga e a expulsão do Leste), podem ser vistas como uma espécie de trilogia sobre a derrota alemã. Socorrendo-se de construções de género (os três filmes têm como protagonistas mulheres alemãs que, perdendo o interesse por homens alemães ligados ao esforço de guerra, se apaixonam por membros das forças aliadas ocidentais)<sup>34</sup> e do binário violência ilegítima (associada aos nazis e aos soviéticos, apresentados como violadores em *Die Flucht*) e violência legítima (usada pelos Aliados ocidentais), os três filmes não só celebram a criação da RFA frente à rival RDA,<sup>35</sup> como também acabam por legitimar, ainda que indirectamente, a aliança transatlântica.<sup>36</sup>

As obras pós-Reunificação acima referidas apontam sobretudo para um prolongamento das três narrativas da RFA anteriores a 1989. Dois dos principais testemunhos da temática na ficção literária pós-Reunificação – *Der Verlorene* [O Perdido] (1998) de Hans-Ulrich Treichel, autor nascido na RFA em 1952, e *Die Unvollendeten* [Os incompletos] (2003) de Reinhard Jirgl, escritor nascido na Alemanha de Leste em 1953 – apontam, porém, para um

<sup>32</sup> Analisei este romance no artigo “Porn, Rape and the Fall of the Third Reich. On Thor Kunkel’s novel *Endstufe*”, texto a ser publicado no volume coordenado por Isabel Gil e Adriana Martins *Culture and Conflict. Representations in Literature and the Media*.

<sup>33</sup> As três mini-séries foram exibidas na RTP com os títulos “A Ponte”, “Dresden” e “A Fuga”.

<sup>34</sup> Apenas em „*Die Luftbrücke*“ a heroína desiste do novo amor (o general norte-americano) para voltar para o marido, veterano da frente Leste. Esta decisão acontece só depois de o marido se aliar aos americanos durante o bloqueio soviético.

<sup>35</sup> O primeiro filme é uma celebração do esforço norte-americano durante o bloqueio de Berlim, o segundo termina após a Reunificação com a “reconciliação” entre Dresden e o Reino Unido, a nação que bombardeara a cidade, o terceiro é uma denúncia das atrocidades cometidas pelo Exército Vermelho contra os civis alemães e uma celebração da RFA como pátria democrática para todos os alemães. Para a protagonista deste último, a salvação encontra-se na solarenga Baviera sob protecção norte-americana.

<sup>36</sup> Desenvolvo esta interpretação dos filmes no artigo “The Western way is the German way. Contemporary German films revisit allied wartime violence”, in Alves, Fernanda Mota; Tavares, Sofia; Soeiro, Ricardo Gil; Pasquale, Daniela Di (2010), *Filologia, Memória e Esquecimento*. Húmus. Estudei a relação do telefilme „*Die Flucht*“ com o relato de Christian Graf von Krockow em “Inspiration oder Subversion? Von dem Bericht *Die Stunde der Frauen bis zum Fernsehfilm Die Flucht*”, *Estudios Filológicos Alemanes*, 2008, 15, 317-327.

desenvolvimento na esteira da narrativa da RDA descrita pela germanista Birgit Dahlke: a violação surge nos dois textos como cifra do que teve de ser silenciado e sublimado para garantir a integração na realidade pós-1945. Nestas duas obras literárias que remetem para contextos sociopolíticos e realidades históricas tão díspares, a violência sexual vivida durante a fuga e a expulsão do Leste serve para inferir a distância entre espaço privado e espaço público e os “não-ditos” tanto na RFA como na RDA, questionando assim de forma exemplar os discursos oficiais sobre a boa integração dos refugiados e expulsos.<sup>37</sup>

### Considerações finais

A violência sexual foi praticada em larga escala pelos exércitos em confronto no espaço europeu durante a Segunda Guerra Mundial, mas motivos que se prendem com a realidade histórica e a sua interpretação ideológica levaram a que, no espaço alemão, *a posteriori* fosse dada maior proeminência às violações cometidas pelo Exército Vermelho. A investigação histórica parece indicar que foi na frente Leste que se assinalaram mais elevados índices de violência sexual, ainda que haja suficiente informação comprovativa da ocorrência deste tipo de crime na frente ocidental, tanto por parte dos alemães como por parte de membros das forças francesas e das norte-americanas. No entanto, as ideologias em confronto na Guerra Fria levaram a que no espaço público da anti-comunista RFA se ignorasse a violência sexual praticada pelas forças alemãs, se desvalorizassem as histórias de violações cometidas pelos novos aliados (os exércitos ocidentais) e, em contrapartida, se destacassem as violações dos soviéticos, narradas pelos refugiados e expulsos do Leste e pelas populações que tinham estado temporariamente sob ocupação soviética (por exemplo, parte dos habitantes de Berlim).

A representação e interpretação da violação de mulheres alemãs pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial é um caso exemplar dos desafios e limites que se colocam ao discurso sobre a violência sexual. A violação presta-se a interpretações ideológicas enquanto meio para problematizar conflitos e fobias nacionais, sociais e étnicas que, tornando a violação numa metáfora, correm o risco de neutralizar a dimensão concreta da violência

---

<sup>37</sup> Desenvolvo esta análise no artigo „Vergewaltigung als Schlüsselbegriff einer misslungenen Vergangenheitsbewältigung: Hans Ulrich Treichels Der Verlorene und Reinhard Jirgls Die Unvollendeten“, texto publicado inicialmente na Revista de Estudos Alemães ([http://real.fl.ul.pt/uploads/textos/318\\_JuliaGarraio\\_1.pdf](http://real.fl.ul.pt/uploads/textos/318_JuliaGarraio_1.pdf)). Uma versão revista do texto foi publicada na revista *Mittelweg* 36 (4/2010) e por esta colocada on-line em Eurozine (<http://www.eurozine.com/pdf/2010-08-16-garraio-de.pdf>).

sexual como crime contra um determinado indivíduo. Os exemplos referidos permitem inferir as dificuldades colocados ao discurso sobre a violência sexual, os enredamentos e instrumentalizações a que a temática é sujeita, os limites que se colocam à representabilidade desse acto, a importância de questões como a perspectiva privilegiada, o vocabulário utilizado, o significado dos silêncios e dos “não ditos”.

Com este estudo tentei assim demonstrar que, contrariamente a uma percepção largamente difundida, não se verificou nos anos 90 qualquer quebra de tabu, mas simplesmente uma projecção mediática da narrativa de vitimização feminina em conflitos armados. Ainda que o período pós-Reunificação se caracterize pela retomada de narrativas anteriores, apresenta igualmente traços de inovação na integração desse *topos*. Esta vitalidade do tema, passado mais de meio século sobre os eventos, não pode ser entendida apenas no contexto do renovado interesse pelo “sofrimento alemão” no Segunda Guerra Mundial, nem catalogado sumariamente de tentativa questionável de colocar a dor sofrida como equivalente aos crimes praticados; reflecte também um contexto internacional de maior sensibilização para o problema da violência sexual em conflitos armados.

### Referências bibliográficas

- Assmann, Aleida (2006), “On the (In)compatibility of Guilt and Suffering in German Memory”, *German Life and Letters*, 59(2), 187-200.
- Beck, Birgit (1996), “Vergewaltigung von Frauen als Kriegsstrategie im Zweiten Weltkrieg”, in Andreas Gestrich (org.), *Gewalt im Krieg. Ausübung, Erfahrung und Verweigerung von Gewalt in Kriegen des 20. Jahrhunderts*. Münster: Lit. Verlag, 34-50.
- Beck, Birgit (1999), “Sexuelle Gewalt und Krieg. Geschlecht, Rasse und der nationalsozialistische Vernichtungsfeldzug gegen die Sowjetunion, 1941-1945”, in Veronika Aegerter *et al.* (org.), *Geschlecht hat Methode. Ansätze und Perspektiven in der Frauen- und Geschlechtergeschichte. Beiträge der 9. Schweizerischen Historikerinnentagung 1998*. Zürich: Chronos, 223-234.
- Beck, Birgit (2004), *Wehrmacht und sexuelle Gewalt. Sexualverbrechen vor deutschen Militärgerichten 1939-1945 (Krieg in der Geschichte, Bd. 18)*. Paderborn: Schöningh.
- Beevor, Antony (2002), *Berlin: The Downfall 1945*. London: Penguin.

- Beyersdorf, Hermann (2006), „Günter Grass' *Im Krebsgang* und die Vertreibungsdebatte im Spiegel der Presse“, in Barbara Beßlich, Katharina Grätz e Olaf Hildebrand (orgs.) (2006), *Wende des Erinnerns? Geschichtskonstruktionen in der deutschen Literatur nach 1989*. Berlin: Erich Schmidt, 157-168.
- Bos, Pascale (2006), “Feminists interpreting the Politics of Wartime Rape: Berlin, 1945; Yugoslavia, 1992-93”, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 31(4), 995-1025.
- Brownmiller, Susan (1975), *Against our Will. Men, Women and Rape*. New York: Fawcett Columbine.
- Carvalho, Ana Margarida (2006), “Teresa Villaverde: Trans(e)acção”, *Visão*, 709, 152-7.
- Cohen-Pfister, Laurel (2006), “Rape, War, and Outrage: Changing Perceptions on German Victimhood in the Period of Post-Unification Culture”, in Laurel Cohen-Pfister e Dagmar Wienroder Skinner (orgs.), *Victims and Perpetrators: 1933-45. (Re)presenting the Past in post-unified culture*. Berlin: Gruyter, 316-337.
- Cunha, Sílvia Souto (2006), “Operação Cannes”, *Visão*, 689, 146-8.
- Dahlke, Birgit (2000), “Frau komm!': Vergewaltigungen 1945. Zur Geschichte eines Diskurses”, in Birgit Dahlke, Martina Langermann e Thomas Taterka (orgs.), *LiteraturGesellschaft DDR: Kanonkämpfe und ihre Geschichte(n)*. Stuttgart: Metzler, 275-311.
- Dahlke, Birgit (2007), “Vom Gewaltsymbol zum Verdrängungsnarrativ. Deutungskämpfe um die Chiffre „1945“ im kollektiven Gedächtnis (nicht nur) der DDR”, in Carsten Gansel (org.), *Gedächtnis und Literatur in den geschlossenen Gesellschaften des Real-Sozialismus zwischen 1945 und 1989*. Göttingen: V&R Unipress, 39-52.
- Eschebach, Insa; Mühlhäuser, Regina (orgs.) (2008), *Krieg und Geschlecht. Sexuelle Gewalt im Krieg und Sex-Zwangsarbeit in NS-Konzentrationslagern*. Berlin: Metropol.
- Gertjeanssen, Wendy Jo (2004), *Victims, Heroes, Survivors: Sexual Violence on the Eastern Front During World War II*, University of Minnesota.
- Grossmann, Atina (1995), “Eine Frage des Schweigens?: die Vergewaltigung deutscher Frauen durch Besatzungssoldaten”, *Sozialwissenschaftliche Informationen*, 24, 109-119.
- Hage, Volker (2003), *Zeugen der Zerstörung. Die Literaten und der Luftkrieg*. Frankfurt am Main: Fischer.

- Heineman, Elisabeth (1996), "The Hour of the Woman. Memories of Germany's 'Crisis Years' and West German National Identity", *The American Historical Review*, 101:2, 354-395.
- Horeck, Tanya (2004), *Public Rape: Representing Violation in Fiction and Film*. London/NY: Routledge.
- Jacobs, Ingeborg (2008), *Freiwild. Das Schicksal deutscher Frauen 1945*. Propyläen: Berlin.
- Meirelles, Fernando (2008), "Sobre fogo amigo, concessões e montagem (de novo)", *Diário de Blindness*, 6 de Março de 2008, consultado em 10.02.2010.
- Moeller, Robert G. (2001a), "Remembering the War in a Nation of Victims: West German Pasts in the 1950s", in Hanna Schlissler (org.), *The Miracle Years: A Cultural History of West Germany, 1949-1968*. Princeton: Princeton University Press, 83-109.
- Moeller, Robert G. (2001b), *War Stories: The Search for a Usable Past in the Federal Republic of Germany*. Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press.
- Moeller, Robert G. (2005), "Germans as Victims? Thoughts on a Post-Cold War History of the Second World War", *History and Memory*, 17, 147-194.
- Moeller, Robert G. (2006), "The Politics of the Past in the 1950s: Rhetorics of Victimization in East and West Germany", in Bill Niven (org.), *Germans as Victims. Remembering the Past in Contemporary Germany*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 26-42.
- Mühlhäuser, Regina (2010), *Eroberungen. Sexuelle Gewalttaten und intime Beziehungen deutscher Soldaten in der Sowjetunion, 1941-1945*. Hamburg: Hamburger Edition.
- Münch, Ingo von (2009), "*Frau komm!*" *Die Massenvergewaltigungen deutscher Frauen und Mädchen 1944-45*. Graz: Ares.
- Naimark, Norman (1995), *The Russians in Germany: A History of the Soviet Zone of Occupation, 1945-1949*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press.
- Nelson, Keith (1970), "The Black Horror on the Rhine: Race as a Factor in Post-World War I diplomacy", *The Journal of Modern History*, 42, 606-27.
- Ricoeur, Paul (2000), *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil.
- Sander, Helke (1995), "A Response to My Critics", *October*, 72, 81-88.
- Sander, Helke; Jahr, Barbara (org.) (2005), *Befreier und Befreite. Krieg, Vergewaltigung, Kinder*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.

- Schmidt-Harzbach, Ingrid (2005), „Eine Woche im April. Berlin 1945“, in Helke Sander e Barbara Johr (org.), *Befreier und Befreite. Krieg, Vergewaltigung, Kinder*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 21-45.
- Schmitz, Helmut (org.) (2007), *A Nation of Victims? Representations of German Wartime Suffering from 1945 to the Present*. Amsterdam/New York: Rodopi, 87-104.
- Sielke, Sabine (2002), *Reading Rape: The Rhetoric of Sexual Violence in American Literature and Culture, 1790-1990*. Princeton: Princeton University Press.
- Virdi, Jyotika (2006), “Reverence, Rape – and the Revenge: Popular Hindi Cinema's Woman's Film”, in Annete Burfoot e Susan Lord (org.), *Killing Women: The Visual Culture of Gender and Violence*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press.
- Wadi, Shahd (2009), *Feminismos de corpos ocupados: as mulheres palestinianas entre duas resistências*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Wigger, Iris (2006), *Die „Schwarze Schmach am Rhein“: Rassistische Diskriminierung zwischen Geschlecht, Klasse, Nation und Rasse*. Münster: Westfälisches Dampfboot.
- Zeidler, Manfred (2001), „Die Tötungs- und Vergewaltigungsverbrechen der Roten Armee auf deutschem Boden 1944/45“, in Wolfram Wette e Gerd R. Ueberschär (orgs.), *Kriegsverbrechen im 20. Jahrhundert*. Darmstadt: Primus-Verlag, 419-432.